

MULHERES E INCLUSÃO SOCIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Luciana Vieira de Oliveira

Graduanda da Universidade Regional do Cariri- URCA – lucianaalbuquerqueoliveira@hotmail.com

Ediana Alves Carvalho

Graduanda da Universidade Regional do Cariri- URCA – ediana.heloyse@hotmail.com

Francisco Roberto Brito da Cunha

Professor Mestre da Universidade Regional do Cariri- URCA - frobertobrito@hotmail.com

RESUMO

O trabalho apresenta uma reflexão sobre a influência da mulher na conquista da sua “inclusão” na sociedade ao longo da história em seus múltiplos aspectos, como na família, no trabalho e principalmente na educação onde além de assumir seu papel de mãe, também assume um lugar significativo como de professora. Nosso objetivo é conhecer o papel da mulher na educação dando ênfase as suas lutas e conquistas nos últimos séculos. Trata-se de um estudo que tem como abordagem qualitativa, utilizando de fontes bibliográficas, fundamentando-se nos pressupostos de Almeida (1988) que valoriza o papel da mulher na educação, e também os limites e possibilidades da mulher na sociedade, inclusive no exercício do magistério.

Palavras – chave: Mulher. Gênero. Inclusão. Educação

INTRODUÇÃO

Os protestos e manifestações femininos trouxeram significativas mudanças na vida das mulheres, principalmente no âmbito profissional, mas as conquistas não se deram de forma tão simples, foram muitas lutas ao longo da história que deram origem ao movimento feminista e com ele as conquistas sociais e políticas. O presente estudo tem como objetivo identificar os limites e as possibilidades dos movimentos feministas. O estudo que tem uma abordagem qualitativa utilizando

de fontes bibliográficas, fundamentando-se nos pressupostos de Almeida(1988) que valoriza o papel da mulher na educação inclusive no exercício do magistério.

DESENVOLVIMENTO

O movimento feminista e suas conquistas

É um movimento que foi organizado por mulheres, decididas a não mais aceitarem desigualdades, tanto em relação ao trabalho quanto ao meio doméstico, onde este busca desde sempre o direito de igualdade entre homens e mulheres. Devido ser um movimento, o qual assumiu diferentes bandeiras de lutas, foi assim reconhecido como um movimento político, que deu ênfase na busca por seus direitos, entre os quais podemos citar, a luta pelo direito ao voto, pelo direito a escolha à maternidade e entre muitas outras batalhas em busca da igualdade de gêneros, ou seja, teve grande significação para a liberdade de mulheres que viviam submissas aos homens. Esse movimento teve início no século XIX, período em que ocorriam muitas outras manifestações em todo o mundo. Com as conquistas obtidas no decorrer da história, tanto no meio público como doméstico, mostra que o movimento visa mostrar as mulheres uma visão mais ampla, de que sim, é possível ter uma realidade diferente, que juntas obterão mais forças, que as relações de domínio sofridas dentro e fora do lar devem ser extintas, pois este movimento busca a formação de identidades e valores, deixando para trás desigualdades dos direitos relacionados a homens e mulheres.

Sendo assim, esse movimento exercido pelas mulheres teve papel de grande importância nas conquistas históricas, em relação ao âmbito nacional onde aconteceu o reconhecimento de igualdades entre os dois sexos, que tornou-se obrigatório, desde a constituição de 1988, e a mais atual Lei Maria da Penha, e também no internacional, o decreto do dia internacional da mulher, que resgata a importância do movimento feminista. Cabe então dizer que apesar das conquistas femininas, ainda falta muito a fazer, para que a submissão feminina se finde.

A feminização do magistério

A mulher foi preparada desde pequena para casar, ter filhos e cuidar do lar, e durante muito tempo foi imposto a mulher valores e imposições culturais masculinas, que de certa forma seriam

estratégias para estabelecer as relações de poder, afinal manter a mulher longe do conhecimento facilitaria a dominação. Para os portugueses o papel da mulher não deveria ultrapassar o lar, como relata o português CAMPOS (1921. P.21):

[...] Se enfim a espécie humana quer durar, progredindo e melhorando, parece então que além de médicas, advogadas e deputadas, convém haver também algumas mães e algumas donas de casa pelo menos enquanto o socialismo apresente um modelo garantido de chocadeira para bebê e a amostra de um lar governado com toda dedicação, todo amor e toda poesia... Até lá a melhor mestra das futuras mães será a mãe, e a melhor escola para donas de casa a própria casa burguesa... [...]

Contra esse padrão autoritário e preconceituoso que a mulher teve que lutar, ou, caso contrário, se conformar para conseguir viver na sociedade. Nos primeiros anos do século XX, a mulher começou a conquistar o direito de assumir um trabalho, desde que esse se designasse a cuidar de alguém, foi a partir daí que a mulher foi conseguindo seu espaço no magistério. Segundo Almeida (1988) o trabalho da mulher como professora só começou a ser aceito pela sociedade a partir do momento em que o magistério infantil pareceu adequado ao papel que a mulher assumia na sociedade, a de “regeneradora” e “salvadora da pátria”, porém foi através do magistério que a mulher brasileira conseguiu abrir caminho para o exercício profissional, pois foi a primeira atividade tida como digna a mulher e também que possibilitava conciliar com os afazeres domésticos, mas ainda sim o magistério continuava sob o comando masculino, que eram representados por religiosos e tutores.

Por muito tempo a professora foi vista como um sujeito passivo, movida apenas pelo prazer e pelo dom de ensinar, levando em consideração apenas a paixão pelo ato de ensinar como algo inato, desconsiderando que o trabalho feminino e essa paixão pela educação não está ligada apenas ao dom, mas á vontade e credulidade que a educação pode acontecer.

Papel Mãe/Professora

A princípio acreditava-se que a mulher possuía dons inatos que seriam indispensáveis ao ato de educar, como: paciência, cuidado e sensibilidade. Assim o magistério foi considerado o lugar onde a mulher colocaria esses dons em prática como destaca Louro (2003):

(...) se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a

função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la.

Porém, essa associação do papel da professora e mãe causa certa confusão no trabalho docente feminino, quando as mesmas passam a observar o aluno como mãe e sente-se na obrigação de protegê-lo criando assim uma relação de dependência. Desse modo a mesma deve saber separar os papéis, utilizando-se de métodos que possam facilitar o convívio em sala de aula, sem confundir a cabeça do aluno, pois o trabalho docente feminino não deve ser considerado como um dom ou vocação. Sobre isso ALMEIDA afirma:

A vocação pode não ser uma condição determinante para o bom exercício profissional, assim como o afeto pelos alunos não substitui a competência, mas acredito que ter esses qualificativos numa carreira não significa o ônus, e sim um acréscimo. Se junto ao bom desempenho na profissão a professora ainda gostar do que faz e possuir uma relação de afeto com aqueles a ela confiados, isso é um sintoma de humanidade e não apenas de subordinação ideológica.

CONCLUSÃO

Como ressalta ALMEIDA (1988) a mulher lutou, reivindicou e praticamente forçou essa inclusão no âmbito profissional até conseguir seu espaço, mas foram muitos obstáculos a serem enfrentados, tanto por conta dos maridos que as queriam dentro dos lares como os professores que comandavam o magistério que não aceitavam as mulheres na profissão, e mesmo tendo conseguido, ainda teve que sofrer com a acusação de que o ingresso da mulher desvalorizou o magistério, mas apesar disso as mulheres mostram que não se consideram vítimas e sim vencedoras e realizadas como pessoa.

Podemos perceber que nos dias atuais que as mulheres superaram a antiga polarização, hoje em dia a maioria trabalha, e tem consciência dos seus direitos. Essa nova mulher procura restaurar a unidade de um universo que ficou dividido entre a superioridade do homem e a inferioridade da mulher. Sendo assim é certo afirmar que muitas coisas mudaram com relação a mulher e o seu reconhecimento no meio social, só que pode-se perceber ainda que há um certo preconceito ligado a igualdade de direitos entre homens e mulheres, porém elas são guerreiras e superam sempre os seus limites em busca dessa igualdade.

O que se deseja é que tanto o homem como a mulher tenham direitos iguais de condições para que possam viver em harmonia e também que as lutas sejam executadas em conjunto por ambos os sexos, buscando um mundo de igualdades, justo, priorizando a melhoria de vida de todos os cidadãos sem distinção de gênero.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível /Jane soares de Almeida – São Paulo: fundação editora da UNESP, 1988.

CAMPOS, A. de. **Casa de pais, escola de filhos**. Paris: Aillaud; Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpos que escapam**. In:Revista Labrys – Estudos Feministas. Nº. 4. Ago./Dez.2003. Disponível em:www.unb/ih/his/gefem/labris4/portugues.html